

O FUGAZ CASAMENTO DA ARARINHA-AZUL

MACHO SOLITÁRIO — ÚLTIMO EXEMPLAR SELVAGEM DE SUA ESPÉCIE — FOI ABANDONADO PELA FÊMEA, INTERROMPENDO UMA UNIÃO "AGENCIADA" POR CIENTISTAS

VANESSA HAIGH

Ele é o macho mais solitário do planeta. É o último exemplar selvagem de sua espécie, a ararinha-azul. Mora no sertão da Bahia. Depois de quatro anos de esforços que chegam a lembrar uma operação de guerra, uma fêmea criada em cativeiro foi preparada para unir-se a ele e assim retomar a reprodução natural da espécie.

O encontro se deu no interior da Bahia em maio do ano passado. Nessa época o macho da ararinha-azul, cansado de procurar uma parceira da sua espécie, já estava há tempos vivendo com uma araramaracanã, de outra espécie, mas com os mesmos hábitos. Quando a fêmea da ararinha-azul apareceu, ela quebrou o par esdrúxulo, que não pode reproduzir, e assumiu seu lugar natural. Mas o namoro não durou muito tempo.

Durante um mês, macho e fêmea ararinha-azul voaram juntos, alimentando a esperança da comunidade científica de ver o nascimento de um filhote selvagem. A araramaracanã acompanhava o casal, mas à distância. Exatamente um mês após o encontro, a ararinha-azul fêmea rompeu com o macho, que voltou para a maracanã, e sumiu. O divórcio aconteceu dia 15 de junho, e desde então a fêmea nunca mais apareceu. Sabe-se que está viva por relatos de sertanejos.

Os cientistas agora reestudam a estratégia para salvar a espécie mais ameaçada de extinção do mundo. Há apenas um exemplar selvagem conhecido, um que foi reintroduzido à natureza, e 37 em cativeiro. O mico-leão-dourado, por exemplo, outra espécie ameaçada, tem cem animais na natureza e centenas em cativeiro. A situação da ararinha azul é fruto das ações do tráfico de animais silvestres.

Para tentar evitar a extinção desse animal, o Ibama criou em 1990 o Comitê Permanente para Recuperação da Ararinha-Azul, que reúne representantes da comunidade científica, do Ibama e criadores internacionais. A frente do projeto de campo está o biólogo Marcos Da-Ré. Desde 1991 ele vive em Curaçá, uma cidade com menos de 10 mil habitantes, no sertão baiano, estudando e mapeando a vida da única ararinha-azul selvagem conhecida.

Com apenas 37 ararinas-azuis em cativeiro no mundo, seria uma baixa muito significativa perder uma ave ao tentar reintroduzi-la na natureza, já que esse é um processo de alto risco. Mas os cientistas não podiam perder a chance de tentar fazer com que o macho selvagem tivesse filhotes. "A memória do am-

biente, quando e onde há alimentação disponível, qual é o alimento, tudo isso são coisas aprendidas, e filhotes nascidos em cativeiro não sabem isso", conta Da-Ré.

Da-Ré observou por vários meses o comportamento da ararinha-azul selvagem, para tentar determinar seu sexo, já que macho e fêmea são muito similares na aparência. "Tudo indicava que fosse um macho, porque ele sempre voava junto com uma arara-maracanã que botou ovos e o comportamento dele foi de trazer comida para o ninho, uma função cumprida pelo macho."

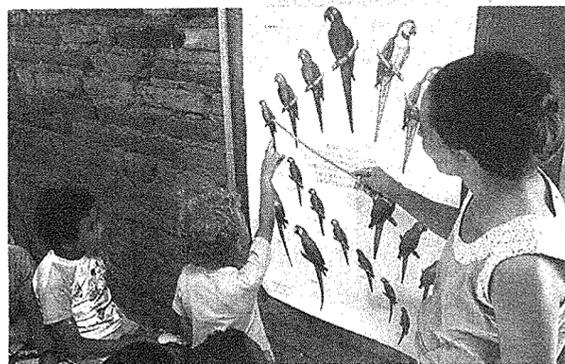
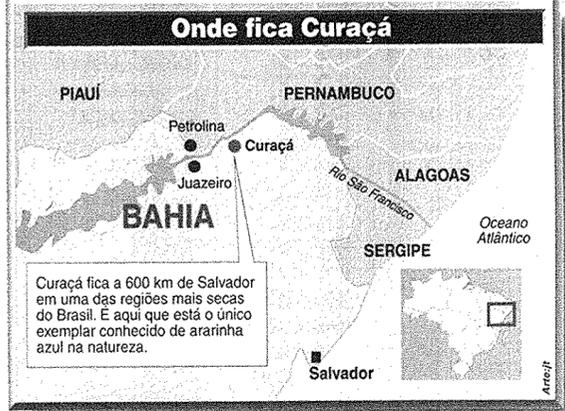
Por garantia, foram enviadas para um laboratório em Oxford, na Inglaterra, penas colhidas na época da muda. A partir de restos de sangue e tecido que ficam nas penas, o laboratório confirmou: o pássaro era macho. O laboratório demorou dois anos para dar o resultado, mas ele era fundamental, já que os cientistas não podiam correr o risco de preparar uma fêmea de cativeiro para encontrar outra fêmea. E, apesar do comportamento da ararinha-azul selvagem indicar ser o de um macho, ela poderia ser uma fêmea vivendo com uma outra fêmea maracanã. "Pode haver pareamento homossexual entre araras. Elas são animais com um índice cerebral muito desenvolvido e por isso têm padrões de personalidade e psicológicos. Por essa razão podem parear homossexualmente", diz Da-Ré.

Uma vez que o espécime selvagem foi classificado como macho, começou a escolha da fêmea perfeita.

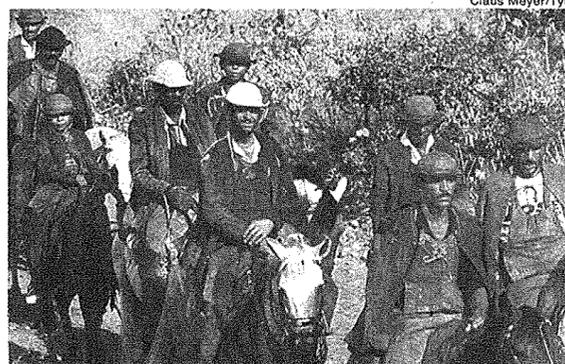
Atualmente, os espécimes estão com criadores na Espanha, Suíça, Filipinas e no Brasil (Recife e São Paulo). O criador nas Filipinas é um dos mais bem sucedidos. De apenas um casal, já foram gerados 20 filhotes, incluindo netos. O melhor perfil foi apresentado por uma ave que estava desde 87 no criadouro Chaparral, no Recife: não muito velha, nem muito jovem, estava em uma região geograficamente próxima, tinha nascido na natureza e era arisca. No dia 23 de agosto de 94, ela foi transportada de avião até Curaçá, acompanhada por uma veterinária especializada em animais silvestres. Na bagagem, oxigênio, anestesia e equipamento para reavivar a ave caso ela tivesse algum problema no voo.

A "Operação Ararinha-Azul" ainda teria muitos requeintes de cuidado. O próprio viveiro construído em Curaçá, onde a fêmea ficou durante oito meses antes de ser solta, é um exemplo de projeto minuciosamente planejado. Construído no meio da caatinga, sem energia elétri-

Claus MeyerTyba



Claus MeyerTyba



ca, ele levou seis meses para ficar pronto. Com 20 m de largura, 7 m de altura e 5 m de comprimento, o viveiro tinha de ter uma estrutura metálica que suportasse ventos de 100 km/h, que podem ocorrer na caatinga e ter um para-raios, para evitar o desastre de uma arara tostada. Tinha ainda ambientação paisagística para imitar o ambiente natural que ela deveria procurar e espaço suficiente para exercitar a musculatura. O macho que estava com ela no cativeiro no Recife foi trazido de-

raibeira, além da comida dada pela equipe. Dia 2 de abril ela voou 20 km e a partir daí atingiu rapidamente a média dos 40 km diários. Nesse período, a ararinha-azul fêmea foi atacada cinco vezes por falcões. Nas duas primeiras, voou de volta para a área do viveiro, que tem pessoas por perto, o que espanta naturalmente os falcões. Das outras três, se virou sozinha. "Era um aprendizado de fuga pelo qual ela tinha de passar, mas é claro que nós ficávamos apreensivos", conta Da-



RISCO

Uma espécie já extinta. Três sob forte ameaça

Há 17 espécies de arara no Brasil, das quais quatro são de araras azuis. As espécies são divididas em três gêneros. O gênero *Ara* abriga 13 espécies, de araras vermelhas, amarelas e azuis e todos os tipos de maracanã. O gênero *Anodorhynchus* compreende três espécies de arara azul, uma delas extinta. O gênero *Cyanopsitta* tem apenas uma espécie, a da ararinha-azul. Portanto, a extinção da ararinha azul significa o fim não só de uma espécie, mas de todo um gênero.

● Arara Azul pequena (*Ano-*

dorhynchus glaucus): extinta desde o fim do século passado.

● Ararinha Azul (*Cyanopsitta spixii*): vive no interior da Bahia, na divisa com Pernambuco. Mede 60 cm. É a espécie mais ameaçada de extinção no mundo, com apenas um exemplar na natureza.

● Arara-azul-de-Lear (*Anodorhynchus leari*): tem de 60 a 70 cm, vive no Raso da Catarina, no sertão da Bahia. Também é uma espécie ameaçada, com cerca de 100 exemplares na natureza e dez em cativeiro.

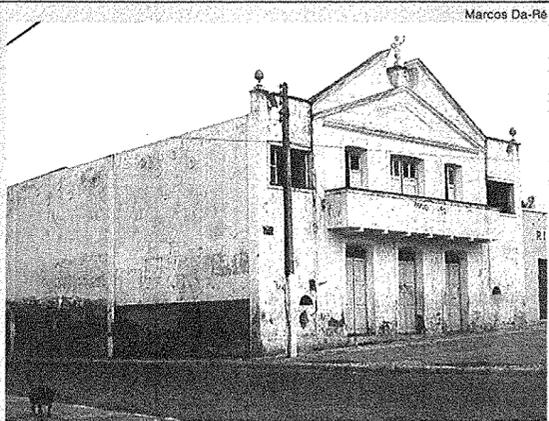
● Arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*): tem 1 m e vive no Pantanal, em áreas de cerrado no Sul do Piauí, Oeste da Bahia, Norte do Tocantins e Sul do Maranhão. Existem 4 mil exemplares na natureza, o que já é considerado ameaça de extinção.

PRESERVAÇÃO ECOLÓGICA

Projeto envolve a participação da comunidade

Para envolver a comunidade na preservação das espécies nativas, como a ararinha-azul, Da-Ré desenvolveu um projeto chamado Comunidade de Conservação. A meta é buscar alternativas de desenvolvimento social e cultural que levam em conta a preservação ambiental.

O projeto incentiva os sertanejos a construir cercados em volta da mata ciliar que ladeia os riachos nas áreas em que há rebanhos. A mata ciliar é o habitat natural da ararinha-azul e tem sido destruída principalmente por bodes. Outro exemplo: os cientistas organizam a construção de escolinhas rurais em mutirão, sempre incluindo educação ambiental no currículo. "Em Biologia interessa ressaltar o processo inteiro, não só assegurar a vida de um bichinho, por isto as coisas precisam



ter continuidade", diz Da-Ré. A Fundação Loro Park, em Tenerife (Ilhas Canárias), contribui com cerca de 80% dos recursos para o projeto, que também recebe financiamento do Ibama, Fundação O Boticário, WWF, Ashoka, Instituto Herbert Levy e Secretaria de Agricultura da Bahia. Mas ainda falta dinheiro para um projeto importante: a transformação do centenário Teatro Raul Coelho em um Centro de Cultura Ambiental. Da-Ré estima que sejam necessários R\$ 60 mil para acabar as obras de restauração do teatro e equipar o espaço. Quem quiser contribuir com o Projeto Ararinha-Azul pode procurar Marcos Da-Ré nos telefones (075) 831-1239 e (075) 831-1292.